

Ludwig também defende a renegociação da dívida

O chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, general Rubem Ludwig, considerou ontem em Brasília que a renegociação da dívida externa brasileira "é uma hipótese simpática, a mais simpática entre as existentes": enquanto no Rio o ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso, do Planejamento do governo Geisel, apoiava a suspensão das negociações com o FMI, proposta em discurso na Câmara pelo deputado Pratinê de Moraes (PDS-RS).

Ludwig não quis comentar as negociações com o FMI, mas deu a entender que a aprovação do Decreto-Lei nº 2.045, que altera a política salarial, pelo Congresso Nacional, é questão fundamental. Sem revelar qual será a estratégia do governo, que não tem a maioria parlamentar para a aprovação do decreto, o ministro frisou que "ao governo interessa avaliar o interesse do povo". Considerou válida a tentativa de um acordo com o FMI e qualificou de normais as dificuldades até aqui surgidas.

Já o ex-ministro Reis Velloso entende que a retomada do nível de atividade econômica, também preconizada por Pratinê, só pode ser aceita se for restabelecido um limite mínimo de crescimento econômico do País.

"Temos de reconhecer que não podemos continuar indefinidamente em recessão. Existe um nível de desemprego muito grande no País, e, tanto para nós como para o FMI e para os bancos credores, é importante não ultrapassarmos um certo limite. Tem de haver muita austeridade e muito sacrifício, mas é imprescindível, antes de tudo, manter a estabilidade social do País."

Com relação à renegociação da dívida externa, Reis Velloso disse concordar que o País não comprometera mais do que 30% anuais de sua receita de exportações para saldá-la, "pois caso contrário estaremos fazendo um sacrifício intolerável". Acentuou que, se houve erros do lado do governo brasileiro, também houve excesso de empréstimos por parte dos bancos, na idéia bem intencionada de procurar uma saída para o problema.

"Não podemos ficar possuídos de um complexo de culpa, como observou o ex-ministro da Indústria e do Comércio do governo Médici, Pratinê de Moraes, pelo fato de enfrentarmos hoje dificuldades muito sérias. Da mesma forma, estamos assistindo a erros graves na política econômica mundial, como o brutal déficit fiscal nos Estados Unidos, que é pelo menos igual percentualmente ao que nós temos no Brasil, a atitude de protecionismo nos países desenvolvidos e os problemas gravíssimos da segunda crise do petróleo e da taxa de juros" - acentuou.

Justificando seu ponto de vista, Velloso disse ter sido o próprio Milton Friedman que mostrou que a crise econômica mundial de 1929 resultou, em grande parte, de erros da política monetária norte-americana. "Federal Reserve (Banco Central dos EUA), depois que houve a desaceleração da economia e a quebra da bolsa, reduziu os meios de pagamento em vez de expandi-los. E assim prosseguiu até 1932/1933" - concluiu.

